

A VARANDA DO FRANGIPANI DE MIA COUTO: LEITURA PELO SOFTWARE IRaMuTeQ

Maria Salete Gomes da Costa da Cunha (UTAD)
Orquídea Moreira Ribeiro (UTAD)

ABSTRACT

This paper presents a qualitative analysis of the work *A Varanda do Frangipani*, by the Mozambican writer Mia Couto, published in 1996, using the IRaMuTeQ Software, which allows for generic lexical analyses. After reading and observing specific material about the Software, despite some hesitation, the decision was taken to use it for the analysis, especially to demonstrate its functionality and applicability in the area of Cultural Studies. With this, from the multivariate resources at its disposal, viable results were made possible in the analyses submitted to the software. This analysis of the work will allow the lexical corpus to be analysed, highlighting aspects of identity centered on recognition and values of Mozambican culture. There are many words present in the narrative that can help to determine the Mozambican social and cultural characteristics, and to explore the divergences and/or appearances of a masked reality such as that of Mozambique. Mia Couto's lexical creativity is unlimited, proving that language is a cultural factor that transmits the cultural identity and collective memory of a group or community.

Keywords: Mia Couto; Mozambique; IRaMuTeQ; culture; tradition; identity.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise qualitativa da obra *A Varanda do Frangipani*, do escritor moçambicano Mia Couto, publicada em 1996, utilizando o *Software* IRaMuTeQ que permite a execução de análises lexicais genéricas. Após a leitura e observação do material específico sobre o *Software*, optou-se, apesar de algumas hesitações, por o utilizar para a análise, especialmente na demonstração da sua funcionalidade e aplicabilidade na área dos Estudos Culturais. Viabilizou-se, com isso, a partir dos recursos multivariados que dispõe, resultados viáveis nas análises que lhe foram submetidas. Esta análise da obra permitirá radiografar o *corpus* lexical, destacando aspetos identitários centrados em reconhecimento e valores da cultura moçambicana. São muitas as palavras presentes na narrativa que podem ajudar a determinar as características sociais e culturais moçambicanas, e a explorar as divergências e/ou aparências duma realidade mascarada, como a de Moçambique. A criatividade lexical de Mia Couto é ilimitada, provando que a língua é um fator cultural que transmite a identidade cultural e memória coletiva de um grupo ou comunidade.

Palavras-chave: Mia Couto; Moçambique; IRaMuTeQ; cultura; tradição; identidade.

Introdução

A necessidade de análise de um grande volume de textos tem sido um dos motivos que leva alguns investigadores a recorrer a softwares específicos. O programa informático IRaMuTeQ, acrónimo de *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*, desenvolvido por Pierre Ratinaud (2009), permite a execução de análises lexicais genéricas.

A escolha do *software* IRaMuTeQ, como instrumento da análise textual da narrativa *A Varanda do Frangipani* (2006)¹ de Mia Couto surgiu pelo facto de não ter sido identificado nenhum trabalho que tenha recorrido à utilização deste software para análise desta obra. Viabiliza-se assim, uma investigação partindo de um recurso informático que permite explorar e analisar questões culturais a partir das características da escrita e de expressões trilhadas pelo escritor moçambicano Mia Couto.

Desse modo, este trabalho apoiado na utilização do referido *software* está dividido em seis partes: a primeira parte faz uma breve abordagem a Mia Couto e ao contexto cultural de Moçambique. A segunda parte descreve a metodologia utilizada para a análise textual da narrativa *A Varanda do Frangipani* (2006) de Mia Couto. A terceira parte expõe como foi realizado o tratamento dos dados utilizados na pesquisa. A quarta parte exhibe os resultados da análise exploratória da narrativa fornecidos pelo IRaMuTeQ, seguindo-se a quinta parte com a interpretação dos resultados obtidos. Por fim, na última parte, expõe-se uma breve conclusão do descrito em toda a pesquisa.

De salientar que este trabalho de investigação tem um carácter muito mais metodológico e de tratamento dos dados do que de análise cultural profunda sobre o conteúdo da narrativa de Mia Couto.

1. O autor e o contexto cultural

A presença de elementos da cultura tradicional oral na obra de Mia Couto proporcionou o delineamento do objeto de estudo deste trabalho. Nesta perspetiva, torna-se essencial abordar a questão da língua como transmissor cultural que, apesar de assumir um lugar comum em todos os discursos, também é um fenómeno de identidade e um produto social que envolve um inventário aberto ao longo do tempo. A língua é um elemento

¹ Neste trabalho usa-se a edição de 2006.

essencial da cultura e como tal, é um fator significativo na identificação de um grupo porque transmite a cultura desse mesmo grupo. Neste sentido, importa identificar as marcas de moçambicanidade na análise textual da narrativa de Mia Couto.

De acordo com Gilberto Matusse em *A construção da imagem de moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa* (1998), os autores moçambicanos estão “inseridos num sistema primariamente gerado numa tradição literária portuguesa em contexto de semiose colonial, movidos por um desejo de afirmar uma identidade própria” (1998: 64) e “produzem estratégias textuais que representam uma atitude de ruptura” (1998: 64) numa procura deliberada pela liberdade e afirmação. Mia Couto privilegia um entrelaçamento entre a tradição e a modernidade nas suas narrativas, dando voz à oralidade como uma forma de afirmação identitária, resistência e sobrevivência da cultura e tradição moçambicana. É nessa encruzilhada, onde a cultura oral africana encontra a escrita contemporânea, que surge nas suas narrativas as estórias, os mitos, as crenças, os ritos, as tradições e os provérbios que foram passados de geração em geração.

Numa entrevista concedida a Vera Maquêa, Mia Couto refere que se considera uma espécie de tradutor daquilo que não se pode perder, do que tem sido desvalorizado:

Moçambique deve caminhar pela via da escrita. Entramos no mundo pela porta da escrita, de uma escrita contaminada (ou melhor fertilizada) pela oralidade [...]. No fundo o meu próprio trabalho literário é um bocadinho esse resgate daquilo que se pode perder, não porque seja frágil, mas porque é desvalorizado num mundo de trocas culturais que se processam de forma desigual. Temos aqui um país que está a viver basicamente na oralidade. Noventa por cento existem na oralidade, moram na oralidade, pensam e amam nesse universo. Aí eu funciono muito como tradutor. Tradutor não de línguas, mas desses universos (Couto 2005: 208).

Os mitos, lendas, estórias, provérbios, enigmas, contos, canções e ainda as práticas rituais da tradição africana têm impressos elementos importantes da religião e da cultura. São fundamentais “na transmissão e conservação de ideias, costumes e práticas” (Rodrigues 2011: 294) e “abarcam todos os aspectos da vida e fixam no tempo as respostas às interrogações dos homens” (Altuna 2014: 38). Aqueles ensinam sobre ética, moralidade e crenças desde a infância e ajudam a responder a grandes interrogações (que

são comuns a todos os homens). Neste domínio, a “memória histórica”, assim cunhada por Maurice Halbwachs, tem como suporte a linguagem e possibilita a (re)construção, a transmissão e a recordação de memórias, consentindo a contemporização de narrativas do passado. É também um fator de autopreservação da identidade cultural e “fator de coesão” da mesma (Rodrigues 2011: 295).

De acordo com Ngugi Wa Thiong’o em *Moving to the Centre: The Struggle for Cultural Freedoms* (1993) existem três tradições que ainda se mantêm na literatura africana: a tradição oral, a escrita em línguas europeias (em particular na língua do colonizador) e a escrita em línguas africanas. No caso da literatura de tradição oral e da escrita em línguas africanas, o autor refere que eram utilizadas como forma de resistência ao colonialismo; alguns autores foram torturados e presos e viram as suas obras destruídas. Thiong’o esclarece que “All the small presses publishing in African languages were closed down. All these books of poetry and songs were lost (...) Writers of the banned books were imprisoned (...) without trial for a month, badly tortured” (1993: 107).

As narrativas orais são ainda um veículo fundamental da transmissão do saber. Além do seu papel didático e moral, revelam igualmente uma face da recuperação simbólica de um estado anterior à escrita, isto é, anterior ao colonialismo.

Assente numa recuperação do imaginário e dos valores tradicionais, assim como num passado pré-colonial e colonial, Mia Couto revaloriza as culturas autóctones, vítimas de um processo de subalternização, descaracterização, desestruturação e alinação. Neste contexto, as suas obras são um espaço privilegiado da (re)construção de memórias coletivas que alimentam o leitor, sobretudo do imaginário tradicional, onde a conceção do universo e do ser humano é caracterizado pelo mito, onde todos os seres, visíveis ou invisíveis, caminham de mãos dadas, num convívio que é naturalmente acolhido por personagens que vivem no limiar da vida e da morte, da luz e da sombra, do desânimo e da esperança, do pesadelo e do sonho. Na sua escrita, “sujeita às contaminações e às inferências linguísticas, estruturais e discursivas de matriz oral” (Brugioni 2009: 109), o autor ergue uma ponte entre a tradição e modernidade, entre o passado e o presente, revelando aspetos de moçambicanidade. O autor dá assim um mergulho nas profundezas do inconsciente coletivo, entre as margens do espaço e do tempo, recolhendo a existência recusada e tão crucial para a (re)construção identitária da realidade moçambicana.

Através da escrita embebida na oralidade, Mia Couto funda um contradiscurso ao estabelecer uma relação entre a tradição e a modernidade numa mistura original feita de “pedaços de línguas”. Ao hospedar a pluridiscursividade e recuperar memórias, o autor dá um sentido renovado de identidade e autovalorização a Moçambique. Lado a lado com um real empírico marcado pela guerra, fome, tragédia e pela morte, as suas obras gravam as crenças, mitos, rituais e cultos aos antepassados, numa autêntica exploração metafórica e simbólica onde a alteridade verbal é característica assente. O “eu” renasce a partir da libertação de memórias cimentadas pela colonização.

2. O percurso da análise

Neste trabalho optou-se por uma pesquisa exploratória, qualitativa, fundamentada em recolha bibliográfica, com os dados a serem sistematizados e analisados pelo *software* IRaMuTeQ, de acordo com as orientações da metodologia de análise propostos por Roque Moraes (1999) e com base no manual para uso do *software* de análise textual IRaMuTeQ.

Na sequência apresentada de seguida, baseada no artigo “A pesquisa qualitativa apoiada por softwares de análise de dados: uma investigação a partir de exemplos”, de Nunes *et al.* (2017), estão explicitadas a abordagem e as etapas metodológicas que compõem a pesquisa. As etapas da pesquisa foram as seguintes: (i) Pesquisa bibliográfica sobre o programa de *software*; (ii) Pesquisa documental; (iii) Leitura de bibliografia sobre Mia Couto; (iv) Análise da narrativa *A Varanda do Frangipani* (2006) realizada com base nos manuais de Roque Moraes (1999) e Brígido Vizeu Camargo e Ana Maria Justo (2013^a) e (2013^b). Esta análise foi estruturada nas seguintes etapas: (a) Leitura dos manuais para identificar e compreender quais as contribuições do uso do *software* para a análise dos dados; (b) Síntese das principais etapas das análises; (c) Cruzamento de dados obtidos na análise e o no referencial teórico.

A análise de dados qualitativos tem como núcleo central a recolha de informação e a preparação da mesma tendo em vista uma análise textual. O primeiro foco a ter em conta, na análise qualitativa, assenta no desenvolvimento de uma série de atividades adequadas ao tipo de dados e ao seu volume, no sentido de os codificar. A codificação envolve a identificação e o registo dos textos que exemplificam a mesma ideia teórica, estabelecendo assim, uma categorização temática. O processo seguinte consiste em reler os textos para posteriormente identificar as unidades de análise (unitarização), que podem

ser palavras, frases, assuntos ou mesmo os documentos na íntegra. Tal estratégia depende do problema a ser investigado, dos objetivos da pesquisa e dos tipos de materiais a analisar. Após identificação das unidades de análise, atribuem-se-lhes códigos adicionais, associados ao sistema de identificação elaborado na etapa anterior. Em seguida, cada uma das unidades de análise deve ser isolada, considerando que será posteriormente classificada. Este processo de fragmentação vem acompanhado da reescrita ou reelaboração, para que tenham significado mesmo fora do seu contexto original. Depois de identificadas e codificadas as unidades de análise, é necessário agrupar as mesmas em categorias:

A categorização é um procedimento de agrupar dados considerando a parte comum existente entre eles. Classifica-se por semelhança ou analogia, segundo critérios previamente estabelecidos ou definidos no processo. Estes critérios podem ser semânticos, originando categorias temáticas. Podem ser sintáticos definindo-se categorias a partir de verbos, adjetivos, substantivos, etc. (Moraes 1999: 6).

Na etapa seguinte, a descrição é o momento da apresentação dos resultados obtidos do decorrer da análise, assim como da validação dos mesmos. Após este primeiro momento da comunicação de dados, segue-se a etapa final do processo: a interpretação que, de acordo com Roque Moraes (1999), é feita através de uma exploração dos significados expressos nas categorias da análise de forma a atingir uma compreensão mais aprofundada do conteúdo das mensagens.

A metodologia de análise de textos tem vindo a ser muito explorada pelo uso de *softwares* específicos para análise de dados textuais e está cada vez mais presente em estudos da área de Ciências Humanas e Sociais, especialmente em estudos em que o *corpus*¹ a ser analisado é bastante volumoso. De destacar que o *corpus* a analisar, neste trabalho, é a narrativa *A Varanda do Frangipani* de Mia Couto. Tendo em consideração o volume da narrativa em questão, efetuou-se um trabalho de “poda” antes de o submeter ao programa informático IRaMuTeQ. Transposto o crivo da classificação, através de uma espécie de gavetas classificatórias, e procurando informações complementares através de uma codificação, que permitisse a eclosão de novas perspetivas que não eram visíveis numa primeira abordagem, efetuou-se uma análise que foi muito além do exercício de leitura.

¹ Conjunto de textos (ou texto) selecionados pelo investigador e que formam o objeto de análise.

3. Procedimentos do tratamento dos dados

3.1. Configuração do *corpus* textual

Antes de proceder à análise qualitativa da narrativa no IRaMuTeQ, foi necessário preparar o texto, uma vez que o *software* utiliza uma formatação própria. O *corpus* em estudo foi previamente tratado com um editor de texto do *Windows* (neste caso utilizou-se o Bloco de Notas), sendo necessário retirar itálicos, negritos, sublinhados, a justificação e os parágrafos nas 152 páginas da obra. Em relação às siglas presentes no texto, foi imprescindível uma convenção (neste caso optou-se por escrever por extenso com um traço do tipo *underline* entre palavras). Também todas as palavras compostas foram separadas por *underline*, pois o hífen é entendido com espaço em branco pelo software. Tendo em vista que o dicionário do *software* não compreende as flexões verbais, por isso os pronomes não podem ser utilizados depois dos verbos, por exemplo: “procurei-lhe” deve ser substituído por “lhe procurei”. Os números devem ser apresentados em forma de algoritmo e devem-se evitar os seguintes caracteres: aspas, apóstrofo, percentagem, cifrão, hífen, reticências e asterisco. Todo o tratamento de texto foi realizado cuidadosamente de forma a que o processamento aproveitasse o maior número de palavras do *corpus*. Cabe salientar que o software não possui recursos de verificação. Depois de “limpos”, os textos foram codificados num único editor de texto, em que: **** *n_01, corresponde à narrativa de *A Varanda do Frangipani*.

Existem diferentes tipos de análises textuais que o IRaMuTeQ processa: Estatísticas Textuais; Especificidades e Análise Fatorial por Correspondência (AFC), Classificação Hierárquica Descendente (CHD), Análise de Similitude e Nuvem de Palavras, tendo cada uma características e reflexões específicas.

3.2. Análise estatística textual

As palavras presentes no *corpus* são as responsáveis para obtenção de sentido e significado, mas o fundamental é a interpretação do investigador. A partir da exploração diversificada de significados que possibilitam na sua base um conjunto de significantes é possível ultrapassar o superficial e ir de encontro à realidade do autor. Os contextos histórico-temporais, a geografia e a cultura serão elementos relevantes no decorrer da análise de dados.

Seguidamente e, a partir da Análise das Estatísticas Textuais que permitem estimar o número de ocorrência das palavras, a frequência média de palavras, bem como a de formas, obtém-se uma representação gráfica através de um diagrama de Zipf¹ (Tabela II), que ilustra no eixo das abcissas os logaritmos das frequências das palavras por ordem decrescente e no eixo das ordenadas o das frequências das formas.

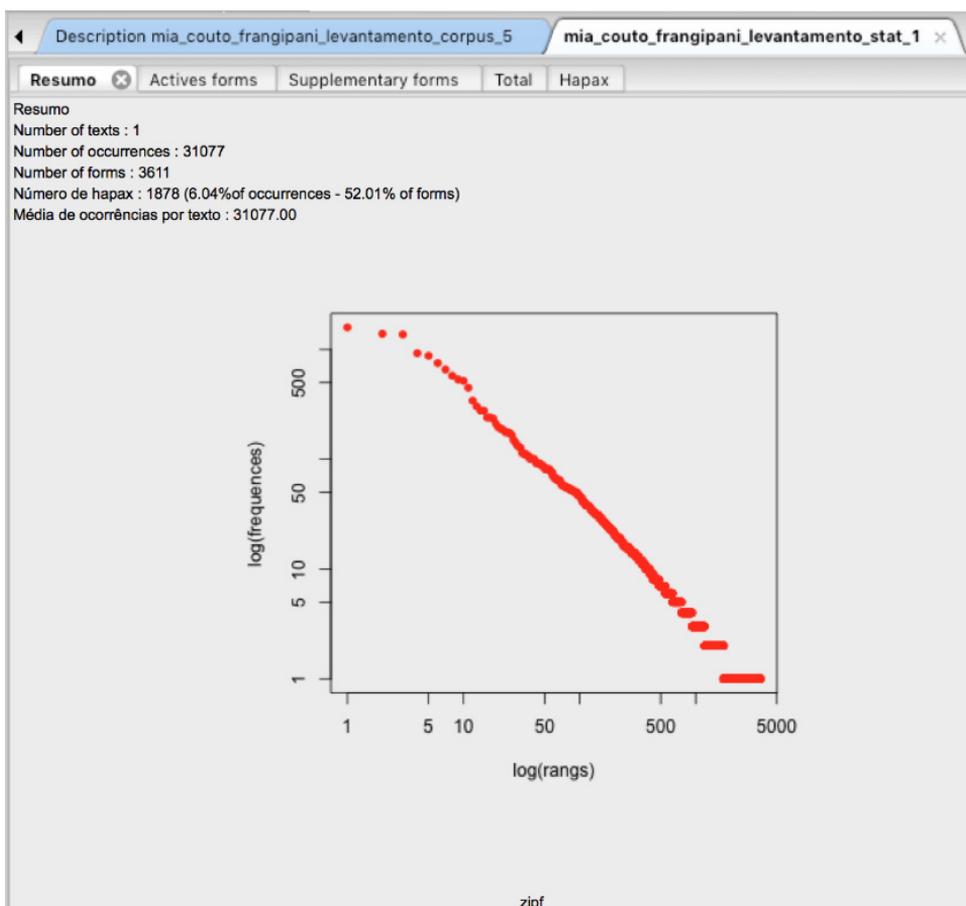


Tabela II – Diagrama de Zipf

Na janela *Actives Forms* estão listadas todas as palavras principais por ordem de ocorrência. A lista contém as palavras ativas (coluna Forma) com sua frequência de ocorrência (coluna Frequência) e suas categorias gramaticais coluna Tipo, com verbos, adjetivos, advérbios e substantivos (conforme Tabela III).

¹ Lei de potências que rege a importância, frequência e dimensão de elementos.

Forma	Freq.	Tipos
velho	185	adj
saber	150	ver
ficar	114	ver
dizer	112	ver
querer	108	ver
mesmo	99	adj
só	91	adj
corpo	83	nom
deixar	81	ver
falar	81	ver
mão	76	nom
noite	69	nom
dar	66	ver
chegar	65	ver
vir	65	ver
morrer	64	ver
coisa	60	nom
polícia	59	nom
vida	59	nom
inspector	57	nom
izidine	57	nr
mundo	57	nom
marta	56	nom
nhonhoso	56	nr
mulher	54	nom
terra	54	nom
homem	53	nom
parecer	53	ver
vasto	53	adj
dia	52	nom
passar	52	ver
mar	51	nom
nãozinha	50	nr
olho	50	nom

Tabela III – Formas ativas, frequência e tipos (parcial)

Na janela *Supplementary Forms* estão listadas por ordem de ocorrência todas as palavras suplementares encontradas no *corpus* (conforme tabela IV).

Description mia_couto_frangipani_levantamento_corpus_5			
Resumo	Actives forms	Supplementary forms	Total
Forma	Freq.	Tipos	Hapax
ser	752	ver_sup	
ir	342	ver_sup	
ter	278	ver_sup	
estar	235	ver_sup	
fazer	129	ver_sup	
ver	112	ver_sup	
haver	101	ver_sup	
poder	101	ver_sup	
tempo	89	nom_sup	
primeiro	32	adj_num	
dois	24	adj_num	
fim	19	nom_sup	
estado	12	nom_sup	
nome	12	nom_sup	
hora	11	nom_sup	
parte	9	nom_sup	
cima	8	nom_sup	
segundo	7	adj_num	
tentar	7	ver_sup	
ambos	6	adj_num	
eh	6	ono	
mil	5	adj_num	
trabalho	5	nom_sup	
seis	3	adj_num	
três	3	adj_num	
milhão	2	adj_num	

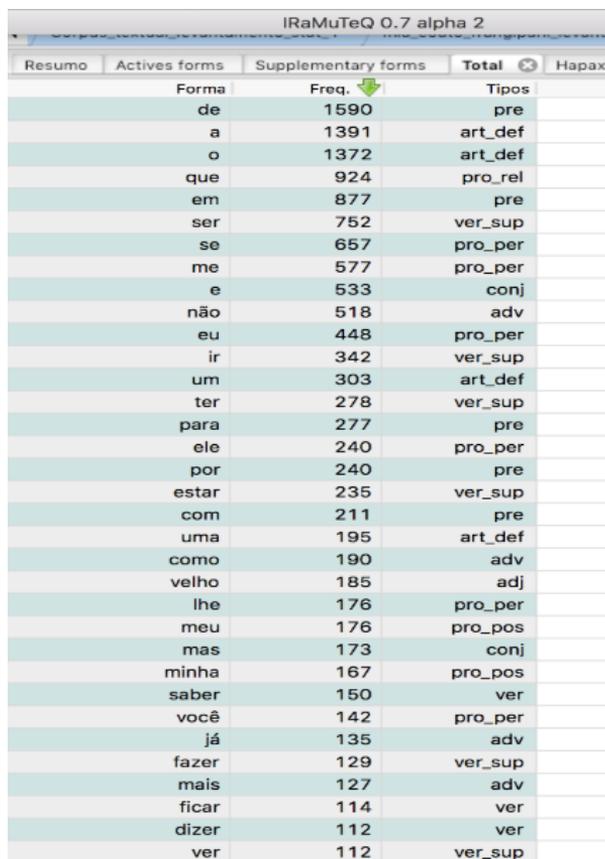
Tabela IV – Lista das Formas Suplementares (parcial)

Na janela *Hapax* estão todas as formas cuja frequência é igual a 1 (conforme tabela V).

Forma	Freq.	Tipos
falecimento	1	nom
falatório	1	nom
face	1	nom
exílio	1	nom
expectativa	1	nom
exigência	1	nom
excesso	1	nom
eventualidade	1	nom
evento	1	nom
europa	1	nom
etnia	1	nom
estória	1	nom
estupefaciente	1	nom
estridência	1	nom
estremecimento	1	nom
estreia	1	nom
estranheza	1	nom
estrago	1	nom
estrada	1	nom
estimação	1	nom
esqueleto	1	nom
esquecimento	1	nom

Tabela V – Lista Hapax (parcial)

Na janela *Total* aparecem todas as formas encontradas no *corpus*.



Forma	Freq.	Tipos
de	1590	pre
a	1391	art_def
o	1372	art_def
que	924	pro_rel
em	877	pre
ser	752	ver_sup
se	657	pro_per
me	577	pro_per
e	533	conj
não	518	adv
eu	448	pro_per
ir	342	ver_sup
um	303	art_def
ter	278	ver_sup
para	277	pre
ele	240	pro_per
por	240	pre
estar	235	ver_sup
com	211	pre
uma	195	art_def
como	190	adv
velho	185	adj
lhe	176	pro_per
meu	176	pro_pos
mas	173	conj
minha	167	pro_pos
saber	150	ver
você	142	pro_per
já	135	adv
fazer	129	ver_sup
mais	127	adv
ficar	114	ver
dizer	112	ver
ver	112	ver_sup

Tabela VI – Lista Total Hapax (parcial)

De referir que na janela *Hapax*, que lista todas as formas cuja frequência foi igual a 1, estão presentes algumas “brinciações”¹ de palavras, um aspeto criativo e característico da escrita do autor moçambicano. O facto de certas palavras, mais concretamente os neologismos, aparecerem apenas uma vez na narrativa é indicador de que o autor tenta preservar a originalidade da sua linguagem, evitando a sua banalização.

O processo de criação e renovação do léxico, que surge por extensão ou reconfiguração de traços semânticos do léxico primitivo, é bastante extenso em *A Varanda do Frangipani*. Destarte, apenas se mencionam os mais significativos que consistem na associação de palavras aparentemente

¹ Brinciação (Couto 1996: 100, 123, 1553). A palavra “brinciação” surge pela primeira vez em *Terra Sonâmbula* (1996) de Mia Couto e é um dos inúmeros exemplos de recriação linguística do autor moçambicano.

distantes e sem aparente relação. Na tabela VII apresentam-se alguns exemplos de neologismos cuja frequência na narrativa é igual a 1 (*Hapax*).

<i>Neologismo</i>	<i>Formação</i>	<i>A Varanda do Frangipani</i>
Atarantonto	Atarantado+-tonto	Corri ao quarto de Izidine e o chamei. – Depressa, venha por aqui! Eles já aí estão. O homem, primeiro, me desconfiou, atarantonto .– Quem é você?(Couto 2006:148)
Tristonto	Triste+tonto	Até que engravidei. [...] [...] Me abri, honesta como um diário de adolescente. E lhe disse: – Vou tirar esta criança. [...] [...] Ela simplesmente se ajoelhou e encostou a palma da mão no meu ventre. [...] [...] Depois, tristonta , ela implorou: – Me entregue esse menino. (Couto 2006: 132-3)
Atrapalhaço	Atrapalhado+palhaço	De necessitado eu passava a necessário. Por isso me covavam o cemitério, bem fundo no quintal da fortaleza. Quando percebi até fiquei atrapalhaço . (Couto 2006: 14)
Esparramorto	Esparramado+morto	O certo é que os do helicóptero deram com o corpo de Excelência esparramorto nas rochas da barreira. Viram-no quando o aparelho se aproximava da fortaleza. (Couto 2006: 23-24)
Escorregatinhoso	Escorregar+gatinhoso	Há muito tempo, antes de vir para este asilo, fui enviada para um campo de reeducação. Me desterraram nesse campo acusada de namoradeira, escorregatinhosa em homens e garrafas.(Couto 2006: 130)
Inebrilhante	Inebriante+brilhante	A enfermeira dava corpo à visitadora de minhas noites na cubata. [...] [...] Marta me recordava essa visão inebrilhante . Como um bicho subterrâneo, a lembrança me cavava no peito um outro coração. (Couto 2006: 124)
Inesperado	Inesperado+parado	O mulato prosseguiu, sempre me abestinhando: Não tenha medo, velho rezingão. Amanhã já vou daqui embora. Fiquei surpreso, inesperado : o sacana nos deixava, assim? E de que maneira ele se retirava? Não acredita? (Couto 2006: 52)
Inflamejar	Inflamar+flamejar	- Estou quase para morrer, Nhonhoso. [...] [...] Estremeci ao escutar estas palavras. Aquele branco tinha sido tão companheiro dos últimos anos que eu me imaginava sem a existência dele.[...] [...] Mas não eram apenas receios que me assaltaram. Eu estava triste de inflamejar os olhos (Couto 2006: 65-6)
Crepuscalada	Crepúsculo+calada	Sobrei ali, crepuscalada , sem saber o que pensar. A quem eu, afinal, haveria de obedecer? [...] [...] Confusa, incapaz de tomar decisão fui dando andamento à minha barriga (Couto 2006: 135)

Tabela VII – Exemplos de neologismos encontrados no *corpus* textual em *Hapax*

Conforme se pode verificar, a formação de novas palavras permite o alargamento do significado das mesmas assim como a possibilidade de diversos percursos para diferentes interpretações. A “escrevivência” de Mia Couto comunga assim com um “discurso novo, cuja novidade advém fundamentalmente da conjugação de aspetos como: o léxico (re)recriado [...] que traduz uma ruptura fundamental na legibilidade da língua e que orienta a leitura e governa a interpretação do texto” (Cavacas 2015: 131). Além da (re)criação de léxico, Fernanda Cavacas refere, em *Mia Couto: Um moçambicano que diz Moçambique em Português* (2015), que o autor recorre a uma utilização constante de elementos da tradição oral, ou seja, apoia-se “sistematicamente (...) [na] seiva fecundadora da(s) cultura(s) da terra da infância, procurando [...] a unidade e reconhecimento característicos da identidade” (Cavacas 2015: 133).

O autor dá especial relevo à flora local na narrativa aqui em estudo, nomeadamente ao: canhoeiro, frangipani, hacata, mafurreira e à *nkakana* (herbácea); e à fauna moçambicana, principalmente ao *muchém* (termiteira) e o *halakavuma* (pangolim). A sua escrita, mediadora de mundos, permite desvendar universos desconhecidos através da incorporação de palavras oriundas das outras línguas que compõem o seu mosaico linguístico. Atravessadas por um passaporte e empurradas para outros “aléns,” vão possibilitando o alcance de outras margens.

A título de exemplo, a tabela VIII apresenta algumas palavras que veiculam a cultura e identidade moçambicanas.

<i>Palavras de origem moçambicana</i>	<i>A Varanda do Frangipani</i>	<i>Significado</i>
Xipoco	- “fiquei em estado de xipoco, essas almas que vagueiam de paradeiro em desparadeiro” (Couto 2006: 12) - “Mas um xipoco que reocupa o seu antigo corpo arrisca perigos muito mortais” (Couto 2006: 15) - “Você irá exercer-se como um xipoco” (Couto 2006: 16)	- Fantasma
Xicuembo	- “Não ascenderei nunca ao estado de xicuembo, que são os defuntos definitivos, com direito a serem chamados e amados pelos vivos” (Couto 2006: 12)	- Antepassado
Halakavuma	- “Há alguém que desconheça os poderes deste bicho de escamas, o nosso halakavuma?” (Couto 2006: 15)	- Animal coberto de escamas (pangolim)
Machamba	- “Agora que o país era uma machamba de ruínas” (Couto 2006: 15)	- Terreno de cultivo

Muchém	- “meu corpo assentava sobre areia que haviam retirado de um morro de muchém” (Couto 2006: 17)	- Formigas, termitas
Cacimbo	- “o luto se estendia por todas as aldeias como um cacimbo espesso” (Couto 2006: 18)	- Neblina espessa

Tabela VIII – Exemplo de palavras de origem moçambicana mencionadas em *A Varanda do Frangipani*

No glossário da narrativa o autor explica o significado destas e de outras palavras, exteriorizando que Moçambique tem “uma identidade própria entre identidades múltiplas” (Couto 2009: 25).

Tendo em vista a exploração da análise já realizada, apresenta-se uma Análise Estatística Textual Suplementar, de forma a obter mais informação sobre a estatística executada anteriormente.

3.3. Análise estatística textual suplementar

Um menu de opções suplementares (formas associadas e concordância) fica visível a partir de um clique com o botão do lado direito do rato. Esta análise suplementar permite verificar os termos que estão associados a cada palavra e ainda constatar onde cada palavra ocorre dentro dos segmentos de texto (concordância). A título de exemplo, escolheu-se a palavra “morte”.

A palavra “morte”, aparece no *corpus* 46 vezes e está associada às palavras morte (singular) e mortes (plural), conforme exemplificado na Tabela IX – Formas associadas a palavras relacionadas com morte. Uma característica que merece ser salientada é que este *software* se baseia na técnica de pesquisa de palavras, “lemas”, ignorando tempos verbais, género, plural e afins. Nesta opção, o *software* IRaMuTeQ projeta diversas variações para uma mesma palavra nas execuções a que for submetido. Os adjetivos, substantivos e verbos são reduzidos às suas raízes a partir da execução dos recursos disponibilizados pelo *software* em questão.

<i>Palavras relacionadas com morte</i>	<i>Frequência</i>	<i>Formas Associadas</i>	<i>Frequência</i>	<i>Concordância Segmentos texto (*)</i>	<i>Total</i>
Morte	41	Mortes	5	- aqui em diante vou dormir mais quieto que a morte - me custa ir cumprindo tantas pequenas mortes essas que apenas nós notamos na íntima obscuridade de nós	46

Morto	18	Mortos Morta Mortas	17 2 1	- sou o morto se eu tivesse cruz ou mármore neles estaria escrito Ermelindo_Mucanga - os mortos devem ter a discrição de ocupar pouca terra - um bafo de coisa morta com uma das mãos fez parar - depois de mortas se reduzem a ínfima ninharia	38
Matar	12	Matou Matei Matara Mataram Matamos	10 3 3 2 1	- o verdadeiro crime que está a ser cometido aqui é que estão a matar o antigamente - quem matou o director foi o velho português - porque eu mesma matei o mulato - pensavam que matara meu pai para ficar com o marido - mataram um grande lá no asilo - assassinei o director do asilo [...] nunca sabemos o motivo quando matamos por paixão	31
Sepultar		Sepultaram Sepultados	2 1	- no lugar onde o sepultaram se escutam zumbidos de moscas vindos das profundezas da terra - as minhas lembranças são seres morridos sepultados não em terra mas em água	3
Falecido	7	Falecidos	5	- até eu falecido veterano conto sabedoria pelos dedos - nesse tempo era interdito às crianças verem os falecidos	12
Tumba	2	-----	-----	- me sepultaram com minha serra e o martelo não o deviam ter feito nunca se deixa entrar em tumba nenhuns metais os ferros demoram mais a apodrecer que os ossos do falecido	2
Total					252

Tabela IX – Formas associadas a palavras relacionadas com “morte”¹ (parcial)

¹ e alguns dos segmentos de texto onde as mesmas se inserem. Os segmentos de texto foram transcritos tal como aparecem no programa (sem pontuação) e com os vocábulos realçados na cor vermelha; apenas foi transcrito um segmento (incompleto) de texto por palavra para evitar uma tabela muito extensa.

(*) Havendo grande quantidade de ST em algumas palavras, apenas se inseriu aleatoriamente um ST na tabela.

Nesta amostra representativa de 252 ST (segmentos de texto), da narrativa de Mia Couto, é possível observar que o tema da morte é hegemónico. A presença da morte na narrativa é reflexo do contexto histórico e social africano, marcado por desastres naturais, pelo colonialismo, por sucessivas guerras, momentos de crise e da poluição individual e coletiva. Também reflete a cosmovisão tradicional moçambicana, que tem no seu centro a crença que os mortos estão omnipresentes na vida dos vivos, orientando-os nas decisões diárias, desde que sejam cumpridos todos os rituais. A interação entre os vivos e os mortos tem uma dupla dimensão, é também representativa do diálogo entre o presente e o passado e a modernidade e tradição.

3.4. Classificação hierárquica descendente (Chd)

A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) é uma análise que visa obter classes de segmentos de texto (ST) que, ao mesmo tempo, apresentam vocabulário semelhante entre si. O *software* organiza a análise de dados do *corpus* num dendograma da CHD, que apresenta as partições que foram feitas no *corpus* e ilustra as relações entre as classes. Esta análise é baseada na proximidade léxica e na ideia que as palavras usadas em contexto semelhante estão associadas ao mesmo mundo léxico e são parte de mundos mentais específicos ou de representação. Este tipo de análise também permite a visualização dos segmentos de texto de cada classe, identificando-os pelas cores das classes.

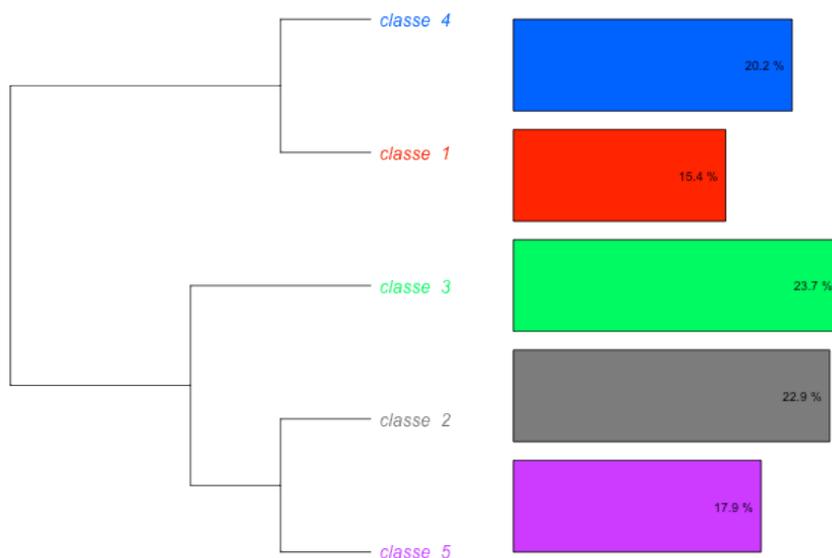


Tabela X – Dendograma da CHD d'*A Varanda do Frangipani*

Na interface de resultados aparece (ao fim de dez segundos) a classificação do corpus na CHD. Observa-se no canto superior do ecrã a seguinte classificação: 904 Segmentos de Texto (ST), 31077 ocorrências, 6020 formas, um total de 6311 lemas¹ e 5 clusters/classes. A quantidade de segmentos de texto (ST) classificados representam 69,14% de um total de 904 ST, isto é, foram aproveitados para esta análise um total de 625 ST.

De acordo com Alcione Bueno, em *Uma análise por meio do software iramuteq de teses e dissertações defendidas entre 2007 e 2017 com a temática filmes comerciais no ensino de ciências* (2018), “para a análise de CHD, é necessário ter um percentual de aproveitamento de no mínimo 70% de ST pelo IRaMuTeQ, tendo em vista que se a retenção for menor que esta, o *corpus* não é representativo para este tipo de análise, ou que o conteúdo do corpus é muito diversificado, não permitindo hierarquizá-los” (2018: 63). Neste sentido, e de acordo com a afirmação de Bueno (2018), a análise CHD de *A Varanda do Frangipani* (2006) está dentro da percentagem que é aceitável no aproveitamento de ST.

A partir do *software* ainda é possível extrair as palavras que formam cada Classe e, a partir delas, investigar quais ST formam a Classe, permitindo investigar e inferir proposições entre elas, bem como interpretar as relações existentes entre os ST e o *corpus* total.

O dendograma da Tabela X é representativo do número de classes constituídas (clusters) a partir do corpus e deve ser lido da esquerda para a direita. Observa-se, assim, uma partição em 2 subcorpus obtendo-se a classe 3 (verde) com 23,7% de ST e num segundo momento um subcorpus dividido em dois, dando origem às classes 2 (cinzento) com 22,9% de ST e 5 (roxo) com 17,9% de ST de um lado e, do outro, as classes 4 (azul) com 20,2% ST e 1 (vermelho) com 15,4% ST. O IRaMuTeQ organiza os ST dentro das classes de acordo com a relevância que os vocábulos têm para essa classe.

A Tabela XI, que a seguir se apresenta, mostra a classificação segundo a distribuição do vocabulário. Nesta tabela é possível visualizar as palavras que obtiveram maior percentagem quanto à frequência média entre si. No sentido de compreender cada grupo para depois o analisar e nominar foram necessárias algumas releituras. Só depois da análise e extração de significados é que foi possível observar que a classe 3 (verde) é composta por algum léxico característico de Moçambique (ver tabela VII). As palavras “voz”, “escrever”, “carta”, “escutar” e “palavra” referem-se ao facto de a oralidade andar de mãos dadas com a escrita, conforme já foi referido anteriormente.

¹ Palavras na forma reduzida. Une as flexões do verbo.

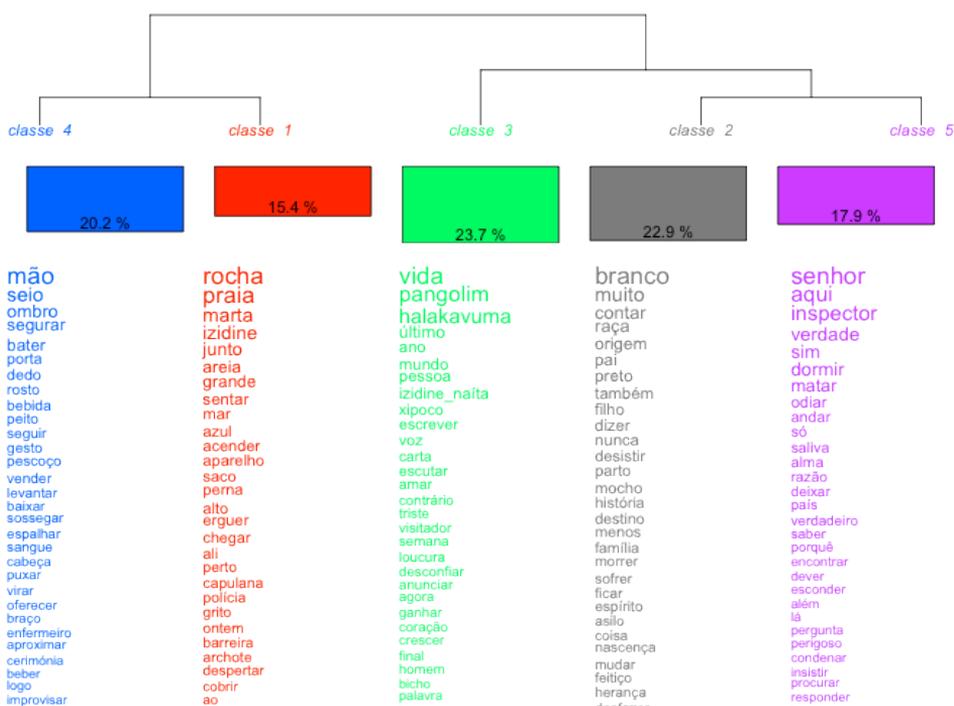


Tabela XI – Dendograma da narrativa segundo distribuição do vocabulário

A escrita é um exercício de memória que permite viajar entre mundos e, ao preservar os valores da oralidade, assume uma forma de resistência à modernidade, mantendo as tradições vivas. A este cluster, o mais significativo dos apresentados (23,7%), atribui-se o nome de “Tradição Viva”, pelo facto do autor recorrer a uma intensificação da oralidade como forma de manifestação da moçambicanidade. Mia Couto recorre à língua portuguesa mesclando-a com vocábulos e expressões das línguas locais moçambicanas (tendo a origem bantu como fonte principal) para evitar o apagamento da cultura e tradição africanas.

À classe 2 poder-se-ia chamar de “Heranças Coloniais”. A palavra “branco” (o colonizador, o outro, o estranho) domina na primeira linha, em detrimento do (dominado) “preto” (indígena, colonizado). A questão de raça, imposta pelo colonialismo, está evidente nas palavras “sofrer”; “desistir”; “história”; “destino” e “herança”. De referir que a luta e denúncia contra as chagas da guerra (colonial e civil) “que engole os mortos e devora os sobreviventes” (Couto 2006: 127) e a perda de respeito pela tradição (nomeadamente a ancestralidade) são temas predominantes da narrativa de Mia Couto.

A classe 4 é composta pelas palavras “mão”; “seio”; “ombro”; “dedo”;

“gesto”; “pescoço”; “cabeça”; “braço” entre outras, representativas da linguagem corporal. A este cluster foi dado o nome de “Práticas da Cultura Corporal”, pois são observâncias possuidoras de sentidos e significados próprios dentro de cada cultura. Pode-se ainda indicar que durante a leitura da obra aparecem descritos indícios de gestos desconfiados, de olhares enviesados, de pedidos de atenção, de desafio, entre outros, em que a descrição dessa linguagem corporal/gestual intimida mais do que a própria palavra.

A classe 5 revela, no seu conjunto de palavras, embates de pensamentos na procura incessante pelos direitos e valores negados. “Memórias Sociais”, o nome escolhido para esta classe que representa um aglomerado de emoções de diversa natureza, sendo muitas delas contraditórias. As palavras “encontrar”, “esconder”; “verdade”; “razão”; “saber”; “matar” e “odiar” estão intimamente relacionadas com emoções e lembranças (espontâneas, impostas ou retidas no passado).

Pode-se verificar que a narrativa do escritor moçambicano é apoiada em memórias calcadas pela afirmação de identidade; a partir delas as personagens apresentam acontecimentos e descrevem a paisagem cultural e social de Moçambique, principalmente os encontros culturais da colonização, guerra e corrupção (negócio de armas).

Por fim, a classe 1 ilustra, a partir do léxico apresentado, o espaço/local/território onde a ação decorre. A esta classe poder-se-á chamar de “Moçambique.” A projeção do espaço geopolítico de Moçambique torna-se evidente através do uso de metáforas ao longo de toda a narrativa. A varanda, o frangipani, a Fortaleza, a velhice, o asilo, são símbolos que permeiam toda a narrativa. A varanda, que nomeia a narrativa, é um espaço da paisagem que por sua vez interceta o interno do externo, propiciando uma vista e vislumbre do horizonte, como um olhar de esperança para o futuro, já que para o autor “minha nação é uma varanda” (Couto 2006: 50). A árvore frangipani evoca a ideia de ciclo, do passar do tempo, a queda da folha (morte), florescer (renascer), um símbolo do renascimento, o útero da vida e esperança. A Fortaleza de São Nicolau é um espaço que foi erguido pelos portugueses durante a colonização e que mais tarde foi utilizada como “prisão que encarcerava os que combatiam contra os portugueses” (Couto 2006: 13). Com a independência, o local foi transformado num asilo para velhos, rodeado de minas, tornando-se numa “fracaleza” (Couto 2006: 22) decadente e abandonada, tal como a sociedade moçambicana. A velhice simboliza a sabedoria, o acúmulo de experiências e é representativa da tradição e cultura porque os idosos são o “chão desse mundo” de memórias (Couto 2006: 78).

A narrativa assenta numa dimensão plurissignificativa onde o forte é o asilo que é uma prisão (rodeada de minas e cercada pelo mar), a árvore é o morrer e renascer, o galpão do asilo que foi capela transformou-se em caverna de morcegos e depois metamorfoseou-se em “buraco sem fundo, um vão no vazio, um oco dentro do nada” (Couto 2006: 143). Estas pluri-significâncias entre o real e o ficcional ajudam a compreender o mundo particular que é Moçambique.

3.5. Análise Fatorial de Correspondência (AFC)

A Análise Fatorial de Correspondência (AFC) é um recurso adicional fornecido pelo *Software* IRaMuTeQ que ilustra uma representação gráfica num plano cartesiano. Esta análise apresenta a distância e proximidade das classes e do vocabulário e cada plano é apresentado em concordância com a percentagem de cada classe/cluster (ver percentagens na tabela anterior).

Na Tabela XII é possível observar as palavras que compõem cada classe e a sua relevância (maior tamanho mais relevância) dentro de cada classe do *corpus*, assim como a proximidade/distância entre elas. Através das classes provenientes da CHD é possível analisar a inter e intrarelacão de cada classe no plano cartesiano, assim como a sua incidência no *corpus*. Evidencia-se, ainda, que cada uma das classes se encontra num plano cartesiano diferente, mantendo-se apenas no mesmo plano a classe 2 e a classe 5, o que significa que esta última, referente às “Memórias Sociais” está intimamente ligada à classe 2, referente às “Heranças Coloniais”. A classe 5 também perpassa e adentra para os outros planos das outras classes, mostrando que os conteúdos das classes estão próximos. O cruzamento das classes e do vocabulário no gráfico permite verificar que a classe 3, referente à “Tradição Viva”, apesar de conter mais ST (23,7%), demonstra que a narrativa gira em torno da tradição, apesar de ser a que mais se afasta do eixo e se ramifica para pontos mais periféricos, simboliza os valores tradicionais que se têm vindo a afastar / perder.

Cultura e tradição convergem em *A Varanda do Frangipani*, obra publicada em 1996, sob os auspícios de uma paz imperfeita. A obra é construída em torno da procura da verdade sobre a morte misteriosa de Vasto Excelência, diretor do asilo situado na Fortaleza de São Nicolau, em Moçambique, no período após a guerra civil. A morte por explicar é, ao mesmo tempo, a morte da própria cultura da nação moçambicana que corre o risco de desaparecer no esquecimento, ou seja, o grande crime a ser desvendado é, na realidade, o da ameaça à cultura (tradicional) moçambicana, cujos valores correm o risco de ser silenciados e apagados pelas novas gerações influenciadas pela globalização.

Ermelindo Mucanga, um carpinteiro falecido em 1975¹, é um dos narradores de *A Varanda do Frangipani*. Por estar longe da sua terra, não recebeu as devidas cerimónias fúnebres, sendo enterrado perto de uma árvore, longe da sua família e da sua comunidade: “Sem ter sido cerimoniado acabei um morto desconhecido da sua morte. Não ascenderei nunca ao estado de xicumbo, que são os defuntos definitivos, com direito a serem chamados e amados pelos vivos. Sou desses mortos a quem não cortaram o cordão desumbilical. Faço parte daqueles que não são lembrados.” (Couto 2006: 12). Num estado de “xipoco” (fantasma) recebeu conselhos do *Halakavuma*², animal mítico, considerado um mensageiro dos mortos, capaz de prever o futuro, para “remorrer”. Ermelindo assume com naturalidade a sua relação com o pangolim:

Que poderia eu fazer, fantasma sem lei nem respeito? Ainda pensei reaparecer no meu corpo de quando eu era vivo, moço e felizão. Me retroverteria pelo umbigo e surgiria, do outro lado, fantasma palpável, com voz entre os mortais. Mas um xipoco que reocupa o seu antigo corpo arrisca perigos muito mortais: tocar ou ser tocado basta para descambalhotar corações e semear fatalidades. Consultei o pangolim, meu animal de estimação. Há alguém que desconheça os poderes deste bicho de escamas, o nosso halakavuma? Pois este mamífero mora com os falecidos. Desce dos céus aquando das chuvadas. Tomba na terra para entregar novidades ao mundo, as proveniências do porvir. Eu tenho um pangolim comigo, como em vida tive um cão. Ele se enrosca a meus pés e faço-lhe uso como almofada. Perguntei ao meu halakavuma o que devia fazer (Couto 2006: 15).

¹ Moçambique tornou-se independente em 25 de junho de 1975.

² O pangolim possui um valor sociocultural elevado, sendo associado a mitos diversos na cultura moçambicana.

Neste sentido, teria de se “instalar” no corpo de um “vivente”, no inspetor da polícia, Izidine Naíta, que vinha da capital para investigar a morte do diretor de um asilo de idosos situado na Fortaleza de São Nicolau. De referir que Izidine é uma personagem representativa do mundo moderno, foi educado segundo padrões ocidentais, que se foram afastando dos valores tradicionais moçambicanos.

A guerra civil na presença do fantasma “xipoco” é a grande responsável, que apesar de já ter terminado, ainda permanece viva na memória coletiva do povo. Neste contexto, Mia Couto refere-se à descaracterização e ao vazio cultural imposto pela colonização e pela guerra civil, assim como pelas ideias importadas pela via da globalização que levaram ao atual confronto entre a tradição e a modernidade. Entre os diferentes níveis de registos de escrita e dinâmicas linguísticas inéditas, contaminadas pela oralidade e alguma carnavalesca de circunstâncias, o autor procura resgatar as raízes culturais e cimentar o sentimento de pertença, de identidade cultural nacional.

A escolha da designação dos cinco *clusters*, “Tradição Viva”, “Herança Colonial”, “Práticas da Cultura Corporal”, “Moçambique”, “Memórias Sociais” baseou-se na leitura do dendograma da narrativa e na informação recolhida sobre esta obra de Mia Couto, nomeadamente as interpretações possíveis em torno dos “temas” que se destacam na narrativa e na escrita do autor.

A espiritualidade é um tema que aparece retratado em *A Varanda do Frangipani* de Mia Couto. No início da narrativa, a personagem Ermelindo Mucanga explica como acabou morto e desencontrado com a morte: “Como não me apropriaram funeral fiquei em estado de xipoco, essas almas que vagueiam de paradeiro em desparadeiro. Sem ter sido cerimoniado acabei um morto desencontrado da sua morte. Não ascenderei nunca ao estado de xicuembo, que são os defuntos definitivos, com direito a serem chamados e amados pelos vivos” (Couto 2006: 12).

O sobrenatural, omnipresente nas narrativas de Mia Couto, reflete as crenças e valores das comunidades tradicionais. É nessa lógica “às avessas” assente num “contexto onírico em que o maravilhoso e a fantasia tomam as rédeas da narrativa um universo mágico recuperando um imaginário tradicional que, afinal, não está irremediavelmente morto, e cobrindo os acontecimentos de um manto diáfano que permite a sua interpretação simbólica e metafórica” (Ferreira 2007: 103) que fica evidente, e de forma pertinente, na fuga dum quotidiano retratado como trágico e desumano. Através do imaginário, o escritor transcende a realidade trágica tornando-a

suportável. O desembrulhar de memórias asfixiadas é uma forma de as trazer para o presente e futuro, edificando identidades outrora silenciadas.

De um lado da margem estão os mortos, o passado, a tradição, a oralidade e o esquecimento aliado à descaracterização identitária; do outro estão os vivos, o presente, a modernidade, a escrita e as memórias. Mia Couto dá a conhecer que uma nação só se constrói com conhecimento na herança cultural que faz a ligação do passado com o presente e o futuro.

São muitas as palavras presentes na narrativa que podem ajudar a determinar as características sociais e culturais moçambicanas, e a explorar as divergências e/ou aparências numa realidade mascarada, como a de Moçambique. A criatividade lexical de Mia Couto é quase ilimitada e reflete a língua como veículo que permite a identificação de um grupo com a sua cultura. O autor utiliza um discurso híbrido, misturando o português europeu com o português de Moçambique e outras palavras de línguas locais moçambicanas, acrescentando-se a isto a criatividade linguística que se manifesta na formação de novas palavras e de novos significados, mas que enriquecem a escrita com novas “escrevivências”¹.

Considerações finais

Pode-se inferir que o uso do *software* IRaMuTeQ, como apoio à análise de informação qualitativa, pode facilitar a organização e a análise dos dados, bem como a elaboração dos resultados de pesquisa relacionando-os por semelhança ou analogia. O resultado, no entanto, é influenciado pela leitura do investigador, do conhecimento que possui do assunto em análise e da forma como utiliza o *software*. De referir ainda que este tipo de análise oferece vantagens, sobretudo na otimização do tempo de gestão de uma grande quantidade de dados, mas também porque permite enriquecer a leitura e interpretação da obra a partir da associação de palavras disponíveis nas nuvens dos clusters formados.

Esta análise da obra permitiu radiografar o *corpus* lexical, destacando aspetos identitários centrados em reconhecimento e valores da cultura moçambicana. São muitas as palavras presentes na narrativa que podem ajudar a determinar as características sociais e culturais moçambicanas, e a explorar as divergências e/ou aparências numa realidade mascarada, como a de Moçambique. A criatividade lexical de Mia Couto é ilimitada, provando

¹ Termo cunhado por Conceição Evaristo (2008) para descrever a sua experiência literária em que “a escrita e o viver se con(fundem)” (Evaristo 2009: s/p).

que a língua é um fator cultural que transmite a identidade cultural e memória coletiva de um grupo ou comunidade.

A partir dos resultados apresentados, foram-se adaptando e cruzando as referências teóricas conforme as necessidades de validação de cada resultado. Neste processo, as representações visuais geradas pelo software foram de grande valia, pois proporcionam a observação das relações entre o diferente vocabulário da narrativa e os segmentos de texto nele inserido, facilitando assim a organização, interpretação e análise dos dados e, conseqüentemente, a inferência de resultados.

As palavras-chave identificadas durante a análise levaram à criação de uma nuvem de palavras para cada um dos cinco *clusters* criados: “Tradição Viva”, “Herança Colonial”, “Práticas da Cultura Corporal”, “Moçambique”, “Memórias Sociais”. Os cinco clusters representam temas recorrentes na obra em análise, e foram construídos a partir das palavras que mais se evidenciaram. As nuvens permitem ver quais os vocábulos que se destacam e a ligação entre os mesmos, facilitando as leituras da obra e realçando as palavras-chave dos *clusters*. As palavras variam de tamanho reforçando as ideias chave, ou seja, quanto maior a palavra mais se reforça o que ela representa no contexto da obra. Isso fica evidente nos diferentes clusters, com a nuvem a reforçar de forma mais ilustrativa o que é apresentado anteriormente no dendograma da narrativa com a distribuição do vocabulário.

Pode-se assim concluir que, ao longo da narrativa, Mia Couto vai mostrando a necessidade de dar a conhecer um país que acredita na ancestralidade, na sua magia, e que na presença desse mundo estão as raízes e acontecimentos que definem Moçambique. Demonstrou-se que essa redescoberta se faz pela recuperação de memórias, através da escrita apoiada na oralidade, que o autor procura e que partilha com os seus leitores de forma a dar a conhecer a tradição, integrando-os na construção do presente e do futuro. A escrita representativa da modernidade, aliada à oralidade (tradição), assume uma função didática e moralizadora da narrativa, simbolizando a união entre as diferentes culturas que habitam o mesmo espaço. A análise mostra a conciliação entre os diferentes mosaicos culturais, entre o passado e o presente, a tradição e a modernidade, o visível e o invisível, abrindo as portas da realidade moçambicana ao hibridismo e diversidade cultural que caracteriza essa sociedade.

O único meio de resgatar a existência da miséria, do desenraizamento e da fragmentação identitária é sair da sombra da opressão colonial, é ganhar voz e construir um futuro.

No caso d'A Varanda do Frangipani, o morto que regressa à vida noutra corpo pressupõe a sobrevivência, a recuperação da identidade, que durante anos foi ignorada e silenciada por discursos dominantes. A procura da verdade (sobre quem matou o diretor do asilo) é representativo da procura da verdadeira essência da moçambicanidade. No entanto, a morte dos idosos, simboliza a morte de uma cultura, de uma tradição. A própria sobrevivência da comunidade, no que refere à perda de identidade, fica ameaçada. Por consequência, o tratamento das crenças africanas sobre a morte constitui, em Mia Couto, uma forma de afirmação de identidade que tem como ponto de partida a recuperação do passado e dos modos de vida tradicionais.

De referir ainda que os velhos da narrativa, que pela lei da vida já se encontram mais perto da morte, podem ser considerados como os “vivos mortos”, esquecidos, desconsiderados, abandonados e marginalizados pela sociedade. Mas são estes “vivos mortos” que são os guardiões do conhecimento tradicional histórico, os tradutores de heranças culturais, que podem ajudar a reerguer e reconstruir a identidade de uma nação que sofreu um desmembramento cultural.

Por ser um *software* com pouca divulgação e alguma complexidade, ainda há pouca recorrência ao mesmo, principalmente no que refere a trabalhos académicos, não tendo sido encontrada nenhuma investigação no âmbito dos Estudos Culturais durante a pesquisa documental efetuada para este trabalho. A utilização do software no âmbito deste trabalho permitiu cruzar os resultados obtidos com a bibliografia consultada para uma leitura da obra à luz dos clusters e seus conteúdos.

Referências bibliográficas

Altuna, Raul Ruiz de Asúa (2014): *Cultura Tradicional Bantu*. Prior Velho: Paulinas Editora.

Brugioni, Elena (2009): *Mia Couto, o contador de estórias ou a travessia da interpretação da Tradição*. Tese de Doutoramento. Instituto de Letras e Ciências Humanas: Universidade do Minho. Internet. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9514/4/tese%20final.pdf> (consultado em 15.11.2019).

Bueno, Alcione (2018): *Uma análise por meio do software iramuteq de teses e dissertações defendidas entre 2007 e 2017 com a temática filmes comerciais no ensino de ciências*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Internet. Disponível em <https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/2748/4/Alcione%20Jose.pdf> (consultado em 20.11.2019).

Camargo, Brigido & Justo, Ana (2013^a): “IRAMUTEQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais”. In: *Temas em Psicologia*. Vol. 21, nº 2. 513-518. Internet. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v21n2/v21n2a16.pdf> (consultado em 12.11.2019).

----- (2013^b): *IRaMuTeQ: Tutorial para uso do software de análise textual*. Universidade Federal de Santa Catarina. Brasil. Internet. Disponível em <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais> (consultado em 12.11.2019).

Cavacas, Fernanda (2015): *Mia Couto - Um moçambicano que diz Moçambique em Português*. Lisboa: Clássica Editora.

Couto, Mía (2005): “Entrevista com Mía Couto”. Entrevista concedida Vera Maquêa. In: *Via Atlântica*. Nº 8 dezembro. Moçambique: Maputo: 205-217. Internet. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/291600330_ENTREVISTA_COM_MIA_COUTO(consultado em 20.11.2019).

Couto, Mía (2006): *A Varanda do Frangipani*. Lisboa: Editorial Caminho.

----- (2009): *E se Obama fosse africano? Interinvenções*. Lisboa: Editorial Caminho.

----- (1996): *Terra Sonâmbula*. Lisboa: Editorial Caminho.

Evaristo, Conceição (2009): “Conceição Evaristo por Conceição Evaristo”. Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras. Belo Horizonte, maio de 2009. Internet. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/%E2%80%A6/188-conceicao-evaristo> (consultado em 02.03.2021).

Evaristo, Conceição (2008): “Escrivências da afro-brasilidade: história e memória”. *Revista Releitura*, Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, n. 23, novembro.

Ferreira, Ana Maria (2007): *Traduzindo mundos: Os mortos na narrativa de Mia Couto*. Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro. Internet. Disponível em <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/2869/1/2007001353.pdf> (consultado em 20.11.2019).

Hall, Stuart (2003): *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Matusse, Gilberto (1998): *A construção da imagem de moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani Ba kA Khosa*. Tese de doutoramento. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.

Moraes, Roque (1999): *Análise de conteúdo*. In: *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37.7-32. Internet. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf (consultado em 28.11.2019).

Neumann, Birgit (2016): “A representação literária da memória”. In: Fernanda Mota Alves, Luísa Afonso Soares, Cristiana Vasconcelos Rodrigues (orgs.). *Estudos de Memória: Teoria e análise Cultural*. Ribeirão: Edições Húmus: 267-278.

Nunes, Juliane Vargas, Woloszyn, Maíra, Gonçalves, Berenice Santos e Pinto,

Marli Dias de Souza (2017): “A pesquisa qualitativa apoiada por softwares de análise de dados: uma investigação a partir de exemplos”. In: *Revista Fronteiras – Estudos Mediáticos*. 19 (2). maio/agosto. Unisinos:233-244. Internet. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2017.192.08> (consultado em 25.11.2019).

Nunning, Ansgar (2016): “A ‘verdade da memória’ e o ‘frágil poder da memória’: A literatura como meio de explorar ficções e enquadramentos de memória”. In: Fernanda Mota Alves, Luísa Afonso Soares, Cristiana Vasconcelos Rodrigues (orgs.). *Estudos de Memória: Teoria e análise cultural*. Ribeirão: Edições Húmus: 219-244.

Rodrigues, Casimiro (2011): “Várias Educações, Múltiplas Representações”. In: *Representações de África e dos Africanos na História e Cultura Séculos XV a XXI. Centro de História Além-Mar (CHAM)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa e Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 291-308.

Thiong’o, Ngũgĩ Wa (1993): *Moving to the Centre: The Struggle for Cultural Freedoms* Nairobi, Kenya: English Press Lda.